



## O renascimento comercial e urbano na Idade Média central e algumas perspectivas medievalistas

João Pedro de Amorim Melo<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo, ante os novos conhecimentos enriquecedores ofertados pelas pesquisas acerca da Idade Média, tem como escopo central desenvolver um referencial analítico em relação à configuração do renascimento comercial e urbano durante a Idade Média central, abrangendo as fortes mudanças nos segmentos sociais, mais especificamente nas esferas comerciais e urbanas. Inicialmente, visando apresentar uma pesquisa científica pluridimensional, destacaremos as fortes influências das perspectivas dos historiadores Henri Pirenne e Jacques Le Goff, os quais possuem notáveis estudos que contribuem para as novas compressões no que concerne a ampla conjuntura do medieval, além de nos servir de base na elaboração deste trabalho. Com base nos entendimentos estruturados a respeito dos novos moldes adotados pela sociedade medieval nas esferas comerciais e urbanas decorrentes de uma forte transformação a qual denominamos “renascimento”, discorreremos abordando o contexto socioeconômico da Idade Média central, as mudanças nas relações comerciais, a recomposição do espaço urbano e, por fim, os impactos dessas transições que se refletem numa ressignificação do poder através da ascensão burguesa. Nesse sentido, reafirmamos como as pesquisas medievalistas são terrenos férteis para o florescimento de novos e abrangentes conhecimentos que nos ofertam uma melhor compreensão no tocante as complexidades do nosso tempo presente.

**Palavras-chave:** Renascimento. Comércio. Cidades. Senhorios.

**Abstract:** The presente work, in view of the new enriching knowledge by research on the Middle Ages, has as its central scope to develop analyzes in relation to the configuration of the commercial and urban rebirth during the central Middle Ages, covering the strong changes in social segments, more specifically, in the commercial and urban spheres. In this sense, aiming to present a dynamic research, we will highlight the strong influences of the perspectives of the historians Henri Pirenne and Jacques Le Goff, who have notable studies that contributed to new understandings regarding the broad conjuncture of the medieval period, in addition to serving as a basis for the elaboration of this work. Based on structured understandings regarding the new mold adopted by medieval society in the commercial and urban spheres resulting from a strong transformation which we call “Renaissance”, we will begin by addressing the socioeconomic context of the central Middle Ages, the changes in commercial relations, the recomposition of the urban space and, finally, the impacts of these transitions on the formation of a new meaning of power.

**Keywords:** Renaissance. Business. Cities. Landlords.

<sup>1</sup> Graduando da Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco/Campus Mata Norte. Desenvolve pesquisas com ênfase em História Regional e Período tardomedieval.  
<http://lattes.cnpq.br/7892126702114943>  
E-mail: joao.amorimmelo@upe.br





## 1. Renascimento comercial e urbano na Idade Média central

Os estudos acerca da Idade Média são fundamentais, tendo em vista sua importância para desconstruir argumentos equivocados que obscurecem esse importante período em que houve grandes acontecimentos decisivos que mudaram os rumos da história. É indubitável que os episódios dessa época continuam influenciando até o tempo presente, pois tais transformações incrementaram novas relações nos mais variados segmentos sociais, isso significa que esses eventos marcantes foram precursores dos novos sistemas políticos, sociais, econômicos e religiosos que precederam o período medieval

De início, um dos historiadores que utilizamos para nos proporcionar um entendimento mais abrangente no tocante ao tema proposto e como apoio na construção deste trabalho é o renomado professor francês Jacques Le Goff, sendo ele autor de importantes obras que possuíam perspectivas inovadoras acerca do período medieval, o que, conseqüentemente, viabilizou na desmistificação de interpretações equivocadas que predominavam na historiografia que interpretava a Idade Média.

Jacques Le Goff desenvolvia suas pesquisas com base nos renovadores princípios propostos pela Escola do Annales a qual ele era membro, chegando a ser codiretor e principal organizador da corrente historiográfica “Nova História”, apresentando novos métodos para a função do historiador, sugerindo uma visão crítica ao desenvolver as análises das fontes, desenvolvendo um raciocínio que fosse de encontro com as interpretações equivocadas do imaginário social. É muito explícito o seu domínio no campo da história das mentalidades, levando em conta suas observações quanto aos impactos das mudanças comerciais na mentalidade da sociedade.

Ademais, desenvolvemos também análises com base nas concepções do historiador belga Henri Pirenne, considerado um importante estudioso acerca da Idade Média, apresentando considerações relevantes nos estudos medievais, inclusive, obras marcantes que abordam a evolução das cidades medievais no contexto da retomada do comércio no Mediterrâneo. Pirenne teve sua formação na Universidade Lieja, onde aprofundou seus estudos sobre o medievo. Além disso, foi professor da Universidade de Gante.

Acerca das ideias de Pirenne, vale destacar sua notável divergência em relação à historiografia dominante a qual afirma que o início da Idade Média se deu com a queda do império romano. Indo de encontro com essa ideia, Pirenne defende a tese de que o início do período medieval ocorreu a partir da invasão islâmica na península ibérica que, segundo ele, inibiu a presença da Europa no mar mediterrâneo e, conseqüentemente, facilitou a formação do sistema feudal.





## 2. Estruturas feudais e religião, decadência e a evolução da capitalização comercial

Quando abordamos a Idade Média central estamos nos referindo a um espaço temporal que vai dos séculos XI ao XIII. Nesse contexto, podemos destacar que houve um processo de profundas inovações na esfera das relações comerciais, influenciando, portanto, na vida do homem medieval e no desenvolvimento das cidades. Acerca disso, é notório que a configuração da sociedade na Idade Média central mostrava-se ainda com o predomínio das tradicionais práticas feudalistas, entretanto, é sabido que nesse mesmo período houve várias inovações no âmbito agrícola que ocasionaram uma maior produtividade de alimentos, aumento demográfico e conseqüentemente no fortalecimento das relações comerciais e na expansão das atividades econômicas pelo mediterrâneo.

Ao retomarmos aos séculos anteriores, mais precisamente no início da Idade Média, podemos descrever um cenário europeu constituído por uma ordem feudalista baseada em fortes vínculos de subordinação em que o espaço senhorio era destinado apenas para o enriquecimento do senhor feudal e da igreja, além de desenvolver uma produção agrícola limitada. Esse complexo panorama foi ocasionado, segundo a historiografia dominante, a partir das invasões bárbaras que resultaram na queda do Império Romano, fazendo com que houvesse uma fragmentação do poder, dificultando o comércio marítimo pelo mediterrâneo e originando as relações feudais.

Essas transformações que ocorreram foram influenciadas após os eventos que marcaram o declínio do império romano no século III acompanhado da formação dos reinos germânicos e a decadência do império carolíngio. Nessas circunstâncias, a Europa passou a vivenciar uma nova configuração econômico-social que se estruturava a partir de um processo de ruralização, ocasionando, conseqüentemente, na formação de um sistema administrativo esfacelado que conferia muito poder ao senhorio, bem como a valorização de todo espaço rural. Nesse contexto, a grande parcela da sociedade medieval encontrava-se presa numa organização social baseada em vínculos de dependência fundamentados sob uma forte hierarquização e clericalização social.

“[...] Incontestavelmente, não se explica a não ser um prodígio enfraquecimento da circulação e da riqueza. Admite-se, e é-se obrigado a admiti-lo, que a reaparição, no século XIII, da cunhagem do ouro com os florins de Florença e os ducados de Veneza, caracteriza o renascimento econômico da Europa, é incontestável que o abandono dessa mesma cunhagem no século IX demonstra, em compensação, uma profunda decadência.” (PIRENNE, 1934, p.41)





Sob esse aspecto, podemos destacar que esse conjunto de elementos que vão conformando esse período origina diversos espaços classificados como senhorios, como foi anteriormente mencionado, que caracterizam uma nova sistematização do poder promovido pelo rei através da formação de feudos e a sua concessão para os senhores. É no senhorio, onde, a partir dessa conjuntura, vão ser desenvolvidos mecanismos de defesa, tributações e uma organização social enrijecida, entretanto, é importante salientar que os diversos senhorios existentes no medievo não possuíam um sistema singular, mas sim cada um deles detinham características peculiares. Nesse sentido, essa complexa organização presente no espaço rural desempenhava importantes funções para se concretizar os planos dos senhores, além de mover a economia: “[...]o senhorio, grande ou modesto, constituía incontestavelmente o motor mais ativo de toda a economia rural” (DUBY, 1991, p. 14).

Podemos destacar que as influências religiosas estavam muito fortes em meio a essa configuração social em que os camponeses – fundamentais peças da engrenagem do senhorio, viviam sob o julgo das relações de dependência e opressão. Nessa perspectiva, esse sistema era sustentado pela igreja católica, influenciando na mentalidade da sociedade por meio da incrementação dos dogmas religiosos no imaginário social, tendo em vista que é notório que o catolicismo atuava como mediador de toda conformação dos diversos espaços sociais. Como é evidenciado nas obras de Le Goff, aspectos ligados aos comportamentos e na maneira de pensar do homem eram muito manipulados pela igreja, incluindo principalmente as relações do homem com a cultura e a economia. Questões ligadas ao casamento, por exemplo, tinha muita interferência da igreja, assim como a “usura” também era condenada pelos dogmas. Portanto, ao abordamos os aspectos econômicos da Idade Média central, é fundamental ressaltarmos a intensa interferência da igreja católica, pois ela desempenhava forte influência na mentalidade desse período.

Então, por meio das influências religiosas, conformava-se a conjuntura econômica, social, cultural e política da Idade Média central. Desse modo, a instituição religiosa da igreja católica atuava fortemente em todas esferas da sociedade, fazendo com que houvesse um grande enriquecimento dessa instituição por meio da aquisição de terras advindas de doações dos fiéis. Com a posse dessas terras, a nobreza era vista pela igreja como agentes que poderiam desenvolver as atividades agrícolas bem como a defesa dessas unidades. Na perspectiva do renomado historiador Georges Duby, é evidente a sua abordagem nessa manipulação da igreja sobre a sociedade. “Todos os cristãos doavam, e muitas vezes. Davam aquilo que tinham em abundância e que consideravam mais precioso, ou seja, a terra” (DUBY, 1991, p.1).





Toda essa complexa configuração desse período entraria em um processo de declínio durante o século XII, ou seja, foi a partir desse século que as tradicionais relações do sistema feudal passaram por uma transição proporcionada por mudanças caracterizadas por uma ressignificação acerca de diversas relações, de forma mais forte campo econômico. O homem desse período passa a ter uma nova concepção de si próprio e do seu potencial nas relações comerciais, é daí que os camponeses que eram considerados fundamentais para o mantimento do senhorio, desenvolvem uma nova mentalidade que colabora para o fim dessas relações de dependência.

É certo afirmar que essas transformações nas relações desse período foram viabilizadas também pelas inovações das técnicas agrícolas, quando foram sendo desenvolvidas máquinas que substituíam certas funções que antes eram desempenhadas pela mão de obra do campesinato, a introdução desses novos mecanismos -- os quais beneficiavam a produtividade, foi um importante condicionante das mudanças do pensamento da sociedade e suas atividades no âmbito econômico. Além disso, a inclusão da moeda e sua circulação nas relações comerciais também favoreceu essa dinamização que, por sua vez, destituiu as antigas relações do senhorio.

“A formação dos aglomerados urbanos abalou imediatamente a organização econômica dos campos. A produção tal como aí era praticada não tinha servido até então senão para bastar à existência do camponês e aos impostos devidos ao seu senhor.” (PIRENNE, 1929, p.169)

Todas essas transformações que vão ocasionando uma remodelagem nas estruturas comerciais e na conformação dos centros urbanos foram proporcionadas pela recuperação das atividades econômicas no mediterrâneo a partir da efetiva participação da classe mercantil a qual promoveu ações importantes para a reabertura das rotas do comércio marítimo. Acerca disso, esse período denominado Idade Média Central representa o início do declínio do sistema feudal, acompanhado de fortes mudanças que originaram uma classe direcionada para o comércio, ou seja, é o espírito do capitalismo urgindo em detrimento de um modo de produção limitado que existia no senhorio. Tal protagonismo da classe mercantil seria tão evidente que nela se acumularia não apenas grande potencial econômico, mas também político. Esse renascimento comercial, obviamente, incidiu no crescimento dos centros urbanos em razão da concentração das novas relações comerciais.





### 3. Alguns aspectos historiográficos dos medievalistas e suas contribuições

Os estudos realizados por Jacques Le Goff representam um grande avanço no campo dos estudos acerca dos diversos aspectos do período medieval, visto que suas interpretações apresentaram um novo olhar sobre esse período, contribuindo, portanto, no rompimento com uma historiografia anterior que narrava equivocadamente através de fontes restritas. Em sua obra “Para um novo conceito de Idade Média”, por exemplo, podemos evidenciar uma abordagem mais vasta, desenvolvendo análises mais direcionadas à sociedade medieval descrevendo-a de uma maneira mais específica por meio de fatores mais particulares da sociedade.

Uma característica muito relevante sobre Le Goff é que ele é considerado um dos principais membros da terceira geração da Escola dos Annales, isso significa que o intelectual francês explorava suas análises sobre a Idade Média utilizando uma metodologia científica mais dinâmica, buscando fontes que davam um novo sentido sobre a sociedade medieval. Percebemos em seus estudos que há um grande enfoque acerca da história das mentalidades, desenvolvendo análises acerca do matrimônio, o significado da morte na Idade Média, por exemplo.

“O nascimento do Purgatório constitui-se, como espaço e como tempo, entre o século III e o fim do século XII. É o resultado da evolução da crença cristã – surgida muito cedo na possibilidade de remissão de certos pecados, em certas condições, depois da morte.” (LE GOFF, 1994, p.109).

Le Goff, também, foi um grande opositor da ideia “Idade das Trevas”, termo muito divulgado para se referir ao período medieval. O historiador reconhece claramente todas as adversidades que ocorreram naquele contexto, no entanto, suas críticas foram importantes para desmistificar os equívocos das narrativas difundidas anteriormente pela historiografia positivista. Portanto, Le Goff e outros diversos historiadores medievalistas filiados a corrente filosófica dos Annales foram e continuam sendo fundamentais nesse processo de reformulação das perspectivas acerca da Idade Média.

Vale, ainda, pontuar que Le Goff promove uma discussão interessante a respeito da importância da Idade Média. O estudioso medievalista afirma que esse período da história tem sua importância, pois significou um momento que houve a restauração da importância dos centros urbanos, além do desenvolvimento das bases do capitalismo e o processo de difusão do conhecimento pelas universidades.

O outro renomado autor basilar que utilizamos para produzir esse referencial analítico foi o historiador belga Henri Pirenne, importante estudioso colaborador dos





estudos medievais. Pirenne tem seu lugar de destaque nos estudos medievais tanto pelas suas análises acerca do renascimento das cidades quanto pelas suas perspectivas acerca do início e fim da Idade Média.

Pirenne, em sua obra “As cidades da Idade Média” desenvolve uma abordagem acerca das relações existentes nas áreas urbanas medievais, além de analisar os processos que influenciaram a retomada do crescimento das cidades. O autor expõe a expansão das relações comerciais promovida pela burguesia e sua importância no desenvolvimento das cidades, acompanhada do desuso da produção de autossuficiência dos senhorios, além das fortes influências da retomada do comércio pelo mar mediterrâneo, sendo considerados fatores determinantes para as cidades medievais.

“[...] A partir do começo do século XII, alcança as costas da França e da Espanha. O velho porto de Marselha reanima-se, após o longo entorpecimento em que caíra no fim do período merovíngio. Na Catalunha, Barcelona aproveita, por sua vez, a abertura do mar. Não obstante, a Itália conserva, incontestavelmente, a primazia neste primeiro renascimento econômico. A Lombardia, onde conflui a este por Veneza, a oeste por Piza e Genova todo o movimento comercial do Mediterrâneo, desenvolve-se com extraordinário vigor. Nesta planície admirável, as cidades crescem com o mesmo vigor que as colheitas” (PIRENNE, 1929, p.81).

Outra ideia muito repercutida de Pirenne é a sua interpretação acerca do início da Idade Média. É notório que a historiografia dominante defende que a Idade Média tem seu início a partir da queda do Império Romano em 476. Indo de encontro a esse entendimento, Pirenne afirma que se deve considerar o início da Idade Média a contar do início das invasões à península ibérica pelos muçulmanos em 711, tendo em vista que, para ele, esses povos viabilizaram a formação dos feudos em detrimento do comércio europeu pelo mar mediterrâneo. Essa perspectiva do historiador belga ficou conhecida como “A tese de Pirenne”.

Ademais, é importante ressaltar que em seus estudos Pirenne utilizava a metodologia da história comparativa, ou seja, ele desenvolvia análises empíricas que comparavam as características distintas das sociedades ou possíveis relações culturais que haviam em um determinado espaço e tempo. Essa é uma característica interessante do autor belga, demonstrando sua utilização de métodos que se afastava da historiografia positivista.





#### 4. Considerações finais

Diante das análises realizadas acerca da Idade Média central e o desenvolvimento das relações comerciais e urbanas — em que utilizamos as destacadas interpretações dos autores Jacques Le Goff e Henri Pirenne, podemos depreender com notoriedade que ambos estudiosos desenvolveram importantes contribuições para os estudos acerca da Idade Média, trazendo novas perspectivas que reformularam o entendimento a respeito do medievo, além de trazer narrativas que quebram os paradigmas impostos pelo anacronismo da historiográfica positivista.

Ambos historiadores estavam inseridos em contextos diferentes, por essa razão os utilizamos, visando desenvolver uma verificação acerca das diferenças de ideias existentes entre eles, e também a evolução da historiografia nesse período. Nesse sentido, inferimos que Pirenne e Le Goff trabalharam com parâmetros de abordagem e interpretações diferentes, uma vez que o primeiro autor desenvolveu uma pesquisa com menos disponibilidade de fontes do que o segundo autor.

Le Goff, explora suas análises através das modalidades historiográficas propostas pela Escola dos Annales, o autor francês em suas abordagens sobre a sociedade medieval enfoca muito nos aspectos do pensamento do homem no período medieval. Exemplo disso, é sua análise sobre como a circulação da economia interferiu no pensamento da sociedade. Portanto, essa é uma esfera metodológica muito inovadora e benéfica para a historiografia, possibilitando o uso de fontes mais diversificadas e contribuindo num entendimento mais dinâmico. Talvez, um ponto negativo dessa abordagem seja uma maior exigência por parte do leitor de suas obras, visto que o campo da história das mentalidades não é divulgado na educação básica.

Por outro lado, o historiador Henri Pirenne apresenta uma análise mais voltada para o âmbito das relações comerciais, às questões políticas e econômicas. Entretanto, em suas pesquisas Pirenne utilizava o método comparativo, isso confere ao historiador belga uma certa afinidade com as propostas dos Annales. Dessa maneira, não há uma divergência muito evidente entre Pirenne e Le Goff. Porém, nota-se claramente que Le Goff dispõe de uma maior quantidade de fontes, metodologias mais abrangentes e uma concepção historiográfica mais recente.





## Referências

BLOCH, Marc. **A sociedade Feudal**. Lisboa: Ed. 70, 2001.

DUBY, Georges. **Economia Rural e vida no campo no Ocidente Medieval**. Lisboa: 70. Ed. 1991.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **O feudalismo**. 4.Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GASPAR, J. **A morfologia urbana de padrão geométrico na Idade Média**. Lisboa: Finis Terra, 1969.

LEE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. São Paulo: Editorial Stampa, 1994.

LE GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LE GOFF, Jacques. **O Apogeu da Cidade Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

PIRENNE, Henri. **Historie Économique de l'occident medievale**. Bruges: Coornaert, 1951.

PIRENNE, Henri. **História Econômica e Social da Idade Média**. 1934

PIRENNE, Henri. **As cidades na Idade Média**. Lisboa: Europa-América, 1927.

